

AÇÃO DIRETA

SEMANARIO ANARQUISTA

PREÇO Cr\$ 0,50

Diretor: JOSÉ OITICICA

Todas as soluções apresentadas até hoje por igrejas e partidos políticos falharam! Estudai agora o anarquismo!

ANO I

Rio de Janeiro — Terça-feira, 10 de novembro de 1946

N.º 27

IMAGEM DE PORTUGAL

A miserável situação financeira do povo português chupado até o tutano pelo regime fradesco de Salazar e Carmona

Recebemos de um camarada de Lisboa a seguinte carta que bem reflete a angustiada situação financeira em que se debate o povo português, sanguessugado pelo polvo eclesiástico dominante no pobre Portugal submetido ao regime jesuítico-fradesco de Carmona e Salazar:

«Prezados camaradas de Ação Direta! Respondo à vossa cartacircular em que solicitais o meu auxílio para o vosso jornal, que tendes tido a amabilidade de remeter-me e que muito hei apreciado. Infelizmente nenhum auxílio financeiro posso remeter, pelas seguintes razões, que são as da maioria dos nossos camaradas.

Temos sido espremidos, chupados, esbicados e esfolados por todos os lados, por todas as formas e feitios, pelo Imposto Profissional, pelo Imposto Complementar, pelo Imposto Suplementar, pelo Imposto de Sêlo, pelo Imposto da Água, pelo Imposto de Justiça, pelo Imposto de Turismo, pela Contribuição para o Fundo do Desemprego, pelo Imposto sobre lucros de Guerra, pelo Imposto sobre Transmissões e Doações, pelo Imposto sobre a Gasolina, pelo Imposto sobre o Açúcar, pelo Imposto sobre o Café, pelo Imposto sobre Pneus, pela Licença de Uso e Porte de Armas, pela Licença do Cão, pela Licença do Porco, pela Licença da Caça, pela Licença da Pesca, pela Licença da Bicicleta, pelo Imposto de Arrendamento, pelo

Imposto de muitas, variadas e desvariadas multas, pelo Imposto de Caça à Multa, pelo Imposto do Ascensor, pela Licença do Acendedor, por todas as licenças camarárias, de toldo, de letreiros, montras, etc., por todas as taxas e sobretaxas, que nos tornam taxados; pela Contribuição Predial, pela Contribuição de Registo, pelo Imposto para a Caixa de Previdência, pelo Imposto para o Abono de Família, com efeitos presentes e retroativos, pelas cotas para os vários Sindicatos e ainda para todas as Sociedades, Instituições, Organiza-

ções, Agremiações, Federações, Comissões, Juntas e Clubes, de que a inventiva humana se possa lembrar para nos extorquir o que possuímos, o que não possuímos ou ainda o que possamos vir a possuir; pela Cruz Vermelha, pela Cruz Verde e Cruz Branca; para o Socorro do Natal do Governo Civil, para a Mitra, para o Auxílio de Inverno, para as Colônias Balneárias, para a Obra das Mães e Desempregadas, para o Natal do Desempregado, para os Amigos dos Hospitais, para os Tuberculosos, para os Cancerosos, para os Diabéticos e para os

Combatentes, para a Mocidade Portuguesa Masculina e Feminina, para a Sopa da Legião Portuguesa, para o Grémio do Bacalhau, etc.; para a Jaca, para a Joca e para a Juca, (1) para as Cantinas, Creches e Escolas da Capital; para custear a edição dum génio desconhecido (a cargo do S.P.N.) (2) para os Bombeiros de Carrizada de Anciães, para as festas religiosas de Manteigas, para a Nossa Senhora de Fátima etc.; para o Ninho dos Passarinhos de Castanheira de Pera, para o Ninho dos Pequenininhos do sr. Dr. Bissaia Barreto, para a

Patriarcal, para as Cinco Chagas de Cristo, para a compra de um órgão para a igreja de Alfândega da Fé, para reparar o telhado da Catedral de Freixo-de-Espanha-à-Cinta, que é muitíssimo histórica; para um Balneário em Lavarrabos, para uma Cantina para o Sporting Club da Panasqueira, etc., etc.

O Governo governa os nossos negócios a ponto de não sobermos quem é que negocia. Somos constantemente fiscalizados, suspeitados, examinados, reexaminados, informados, avisados, requisitados, mandados e indeferidos, de sorte que já não sei quem sou, onde estou e para que vivo.

Tudo quanto sei é que o Estado me supõe inesgotável de dinheiro para todas as necessidades, desejos e aspirações de variadíssimos bacharéis, delegados e directores, e porque não vou esmolar, «cravar» nem roubar dinheiro para dar à multidão sequiosa dos burócratas às ordens do sr. dr. Oliveira Salazar, sou amaldiçoado, discutido, perseguido, enganado, caluniado, mal julgado e... acho-me arruinado.

A única razão, afinal, que me liga à vida é a curiosidade de ver o que está para vir... para então me ir.

Notas da Redação — (1) — Iniciais das organizações clericais Juventudes Agrária, Operária e Universitária Católica. (2) — Secretariado da Propaganda Nacional, o D. I. P., do Salazar.

o Vaticano e permanece tranquilamente no governo mesmo quando este emprega a força bruta contra os trabalhadores.

Quanto tempo perdido pelos trabalhadores numa luta estéril pela conquista do chamado poder político, abandonando os sindicatos, onde, unidos fraternalmente, estudando e analisando os seus próprios problemas, seriam inventíveis, porque representam o trabalho fecundo que é o fator fundamental da existência humana!

As palavras anarquista, anarquismo, anarquia, apavoram meio mundo e é bem que apavore. O que distingue o anarquismo das demais correntes políticas é que todas são reformistas, burguesas, reacionárias, por mais que vociferem sua qualidade revolucionária. Todas querem reformas parlamentares, ação indireta, quer dizer, panos quentes, tapeação, obediência passiva, conchavos, acordinhos e, no fim de tudo... venha a nós.

O anarquismo vai direto ao fim. Nenhum acordo com a burguesia, com o Estado, com o capital, com a Igreja. Prega a ação revolucionária, a ocupação sem indenizações, a expropriação sem choringas, o antiautoritarismo, o antiparlamentarismo. É antipolítico por excelência, doa a quem doer.

Por isso, apavora; mas, na hora presente, sua atitude empolga por ser a única digna, clara e... lógica.

ELEIÇÕES E SOBERANIA POPULAR...

gando a ação direta que esses princípios devem ser definidos.

Como no dia 2 de dezembro de 1945, o povo formará filas para exercer o seu direito soberano, o que não impedirá que, ao dia seguinte, forme filas para adquirir um pedaço de pão semipreto ou um pouco de leite agüado para alimentar o filhinho enfermo... Que importa isso se ele cumpriu o seu dever cívico?

O que mais entristece é ver, na lista dos candidatos, antigos companheiros de luta, trabalhadores que, ao nosso lado, combatiam as misérias da política e propagavam, como meio prático para chegar à transformação social, a Ação Direta Revolucionária.

Se forem eleitos, o meio ambiente os arrastará para o abismo. O capitalismo marcará um ponto na lista das suas conquistas e o sindicato perderá um militante... Depois... virão as desilusões e ganhará novas experiências.

Vejam as lições do passado

França, fevereiro de 1848. O povo acode às urnas e o seu trunfo provoca a queda da monarquia de Luis Felipe e a proclamação da segunda República. Dois meses depois, acode à Praça da Concórdia, para reclamar o pão e a liberdade que os políticos lhe prometeram e recebe como resposta as balas mortíferas da Guarda Republicana... Democracia!

Alemanha, 1918

Triunfa a chamada Social Democracia com a derrocada do Império de Guilherme II. De acordo com as teorias de Carlos Marx, socialistas e comunistas vão à conquista do Estado para destruí-lo e, como já afirmara em 1864 o grande Miguel Bakúin, foi o Estado quem os conquistou. Depois... Hindenburg, Hitler, Nazismo e, como epílogo, a grande guerra!

Espanha, 1936

Gil Robles afirmou:

«Si no triunfamos en las urnas, triunfaremos en la calle! Quando

foi iniciada a campanha eleitoral de 1936, os políticos de esquerda manciavam para uma pronuncia da, um tema profundamente sentimental, que era a anistia aos 30 000 trabalhadores presos como consequência da revolução das Astúrias em 1934.

A Confederação Nacional do Trabalho afirmou, de forma categórica, que essa liberdade seria conquistada pelo povo empregando a ação direta revolucionária e jamais confiando em promessas de uns homens que, quando governantes, perseguiram a sangue e fogo os trabalhadores.

É interessante recordar que o chefe da reação, o tristemente célebre político José Maria Gil Robles, um dos maiores responsáveis pela matança das Astúrias, afirmou, num comício da C. E. D. A. (Confederación Española de Derechas Autónomas, o partido mais reacionário da Espanha do qual era chefe supremo): «Acudiremos en masa a las urnas y de ellas arrancaremos un triunfo rotundo para nuestros ideales.»

Ingenuamente, um dos assistentes perguntou ao sr. Gil Robles: «Jefe, si no triunfamos en las urnas, que haremos?». «Triunfaremos con las armas en la calle...» respondeu com energia o chefe reacionário...

No dia 16 de fevereiro de 1936, o povo espanhol acudiu às urnas e as forças chamadas democráticas triunfaram plenamente num pleito que fora presidido justamente por um governo de direitas à cuja frente estava Portella Valladares.

No dia 18, já confirmada a eleição, a Confederação Nacional do Trabalho, único organismo que não aconselhara ao povo que acudis às urnas, dava o grito de alerta dizendo a esse mesmo povo: «Votastes pela liberdade dos presos e os presos continuam nas prisões.»

O povo, agitado pela justa advertência da grande central sindical, encheu as ruas gritando com indignação: «Anistia! Anistia! Queremos a liberdade dos nossos irmãos presos», e, num rasgo enérgico e

ameaçador, a multidão partiu em direção às prisões.

Fatos idênticos tiveram no teatro o resto da Espanha, e Manuel Azaña que fora chamado para formar governo reuniu precipitadamente a Comissão permanente das Cortes, organismo que funcionava provisoriamente até a constituição do novo parlamento e, de acordo com este, decretou a anistia que o povo já conquistara nas ruas num lance ativo e enérgico.

E, quando no dia 19 de julho de 1936, tal como havia prometido Gil Robles no seu discurso, as forças reacionárias, dando um pontapé nas urnas e na chamada soberania popular, empunhavam as armas para instaurarem o regimen fascista, os primeiros a saírem ao seu encontro expõem heroicamente suas vidas em defesa da liberdade, foram os militantes da Confederação Nacional do Trabalho e da Federação Anarquista Ibérica, as grandes organizações que sempre afirmaram aos trabalhadores:

«Nosotros no queremos votos, queremos consciencia, pues solos los hombres conscientes sabem luchar y sabem conquistar la libertad.»

Mais lições ainda

Governam os Laboristas na Inglaterra eleitos pelo povo, em sua maioria trabalhadores. Franco continua assassinando o povo espanhol sob as vistas desses mesmos laboristas, e ainda existe coisa pior: os sem teto de Londres, para não morrerem de frio na intempérie, ocupam palácios desocupados, e o Governo Socialista Atlee os ameaça com o emprego da força se não abandonam esses palácios construídos pelos próprios trabalhadores! E eles votaram nos laboristas!...

Ponto final

No governo francês, existem ministros comunistas e a França ainda mantém relações com o regimen de Franco assinando com o fatídico caudilho tratados comerciais. O mesmo acontece na Itália onde o famoso Togliatti defende

Recordemos neste momento as lições dolorosas da História

Entramos na campanha eleitoral, igual em todos os tempos e igual em todas as nações, já que internacionalmente a linguagem política é sempre a mesma e continuará desta forma até que os homens compreendam que devem confiar em si mesmos se querem dar solução aos seus próprios problemas.

Quantas promessas e quantos amigos tem o povo nestes dias agitados de propaganda demagógica...! Democracia... Liberdade... Justiça Social... Soberania Popular... Palavras sublimes que retumbam no espaço chamando os homens ao cumprimento do Dever Cívico.

Cheia está a cidade de letreiros alusivos ao ato eleitoral. Aparecem nos muros os nomes dos candidatos a vereadores, deputados, senadores e governadores de Estados, e todos prometem a esse povo que tanto amam... dias fecundos, de fartura e felicidade...

Se é medico, o candidato assegura que, uma vez eleito, trabalhará em defesa da saúde do povo; se é professor, defenderá o ensino gratuito para as classes pobres; se é negociante, afirma que lutará contra o crescente encarecimento da vida; e, finalmente, se é operário, garante que, na câmara ou no Conselho Municipal, elevará a sua voz com energia para defender os sagrados princípios da liberdade e da justiça, esquecendo que é nos sindicatos, ao lado dos trabalhadores e empre-

SINAL DE MATURIDADE DE DE CLASSE

E. LANTI

Uma característica de caducidade de uma classe é a circunstância de essa classe não ser mais capaz de utilizar e adaptar eficazmente as descobertas da ciência e da técnica à sua própria prosperidade e auto-defesa. O que, pelo contrário, caracteriza a maturidade de uma classe que aspira a emancipar-se e a representar o mais alto papel na sociedade é precisamente o fato de poder tal classe, melhor do que a classe em trance de envelhecimento e declínio, usar todos os instrumentos do progresso.

Ora, se estamos de acórdão relativamente a essas duas afirmativas, podemos perguntar, agora, vendo como a burguesia e o proletariado aplicam o esperanto, se a primeira se encontra efetivamente em vésperas de morrer e se o segundo é efetivamente uma classe apta a tomar imediatamente a gestão da sociedade.

Observemos os fatos. Antes da guerra, celebrou-se uma conferência internacional para discutir a aplicação do esperanto nos campos da ciência e do comércio. Estiveram representadas 266 câmaras de comércio, feiras e instituições similares de 33 países. Só a Feira de Frankfurt, segundo a reportagem dos jornais, usou o esperanto

em tal escala que o idioma internacional ocupou o quarto lugar entre as línguas utilizadas.

Dirijamos agora os nossos olhares para as organizações operárias. Poderemos, porventura, registrar a mesma tendência e capacidade para nos servirmos do esperanto? Infelizmente, não. Escoracemos, pois, para bem longe todas as ilusões. Nada mais perigoso do que um entusiasmo cego, que não descortina a realidade. E a realidade é que as instituições internacionais da burguesia utilizam ainda hoje melhor do que as organizações internacionais operárias o admirável instrumento do progresso que é o esperanto.

Mais ainda: é coisa facilmente reconhecível que muitos dirigentes operários ainda hoje sustentam a opinião de que os trabalhadores não devem perder seu tempo com o movimento da língua mundial. Câmaras de comércio e governos, ou sejam burguesia, auxílio moral e, incluso, monetariamente, o movimento esperantista.

Entretanto, nas mais altas instâncias do chamado movimento operário encontramos o mesmo ceticismo e até mesmo ironia, mais ou menos velada, relativamente à língua mundial.

Deve isso fazer desanimar

COBRA DE DUAS CABEÇAS

Cultura Proletária (19 10 46) chama a atenção para a contradição profunda do recém-nomeado cardeal Spellman, cuja atividade nos Estados Unidos é pasmosa. Diz assim:

«O cardeal Spellman, aludindo à ditadura de Tito disse: «Ditadura significa poder ilimitado, apoiado, não por lei, mas por violência». E acrescentou que não é sua a definição, que é de um líder da União Soviética. Supomos nós que é de Lênin, mas o cardeal

os partidários do ideal generoso e profundamente revolucionário, em sua concepção e objetivos, do idioma comum? Certamente, não. Tenhamos presente que o movimento esperantista de cunho puramente proletário, de feição puramente socialista, revolucionária, é ainda muito jovem. Até agora não pudemos demonstrar ainda em grande escala a praticabilidade da língua mundial e atrair para ela a atenção séria dos militantes operários.

Basta, por hoje, que aqui deixemos consignada a convicção de que avançamos em direção segura e boa. É necessário apenas que não nos detenhamos.

A. S. A. T. (Associação dos Esperantistas Revolucionários de Todo o Mundo) mostrou-nos o caminho. Para a frente!

a torna sua para melhor acentuar o que é e representa a ditadura comunista de Tito.

«A definição está certa; porém, que apoio moral nela encontra o cardeal Spellman? Ao passo que, na Jugoeslavia, condena a ditadura e a condena porque, como todas as ditaduras, está esteada na força e, portanto, na violência que lá descarregam necessariamente sobre todos os inimigos, na Espanha a abençoa e santifica. Ao general Franco, seu representante e executor máximo, deu o título honorário de **Cavaleiro Cristão**. Verdade é que, em melhor refúgio não pode cair tal título se é que a Igreja trata de desprestigiar-se ainda mais do que está e se também trata, como o parece, de solidarizar-se com o crime coletivo ali cometido pelo franco-falangismo».

Se, na natureza, a cobra de duas cabeças é pura aparência, no mundo político é pura realidade. A Igreja, por exemplo, morde por dois lados ao mesmo tempo.

Algumas perguntas de Freedom

Esse periódico anarquista de Londres pergunta como toda gente:

Se os chefes nazistas foram acusados por crimes de agressão à Polônia e outros países, porque não foram os chefes russos por agressão aos países bálticos e à Finlândia?

Se os chefes nazistas foram processados por crimes contra a humanidade, porque não foram os homens responsáveis pelas bombas atômicas de Nagasaki e Hiroshima, crime tão repulso e desumano quanto as câmaras de gás dos campos de extermínio?

Se todos os Estados aliados ajudaram Hitler a preparar-se, cúmplices das suas atrocidades futuras, se os generais e políticos russos assinaram o pacto russo germânico e ajudaram a engulir a Polônia em 1939, porque não figuraram nas barras do Tribunal aliado com todos os fabricantes de armas e financiadores do movimento nazista?

As guerras não se fariam se os homens se recusassem a fazê-las. E porque não se recusam? Porque se deixam estupidamente iludir e estupidamente obedecem a quem os impele a matar e morrer.

Não vote!

Trabalhador! O lema socialista sempre foi este: **A emancipação dos trabalhadores há de ser obra dos próprios trabalhadores.** Ora se você votar em representantes seus a obra da sua emancipação não será sua, será dele; representantes. A história revela que eles sempre traem!!!

Propaguem

Ação Direta

A DOCTRINA ANARQUISTA AO ALCANCE DE TODOS

JOSE' OITICICA

Continuação do n.º anterior

QUARTA PARTE

I

111 — **Como operar a transformação social** — Todas as correntes chamadas **comunistas**, visioanam uma sociedade onde impossível seja a exploração dos não-possuidores pelos possuidores. Assim, nesse ponto, concordam marxistas, bolchevistas, coletivistas, anarquistas. Porém, quanto à organização final e ao modo de realizar a transformação, há divergências profundas, até mesmo radicais.

112 — **A solução reformista** — Os socialistas ditos **reformistas** acham irrealizável essa transformação por meio de uma revolução mundial. Isso traria, segundo eles, tal desorganização, que o mundo ficaria um caos. Melhor é chegar ao fim colimado por meio de reformas lentas, por evolução. Basta, para isso, associar os trabalhadores em sindicatos, organizá-los em partidos políticos, levar aos parlamentos seus representantes e êsses, em maioria, irão votando leis reformadoras das condições atuais. De progresso em progresso, nesse rumo, chegaremos um dia à sociedade comunista.

113 — **Crítica desse sistema** — A teoria e a prática juntamente condenam tal sistema. Três fenômenos principais têm sido observados: 1º — os indivíduos arrematados em partidos eleitorais mais se levam pelas questões partidárias que pela doutrina geral; os interesses do partido acabam sobrelevando os da causa; 2º —

a luta partidária exige numerosas acomodações, transações, transigências altamente lesivas à pureza e clareza da doutrina e da tática; 3º — frequentemente os diretores e mentores do partido se têm mancomunado com os grandes industriais e pelos interesses deles velado mais, que pelos interesses dos trabalhadores. Exemplo disso é a Social-democracia alemã que, de origem revolucionária, se tornou o mais acomodaticioso órgão da burguesia capitalista. Leia-se o precioso livro de Domela Neuenhuis: **Le socialisme em danger**.

114 — **A solução cooperativista** — Propõe-se o cooperativismo a transformar a sociedade agrupando os trabalhadores dos campos e das cidades em grandes associações cooperativas de produção, transporte e consumo. Com as primeiras, suprime-se o capital particular substituindo-o pelo coletivo, pois são os próprios trabalhadores os capitalistas acionistas; com as segundas, suprime-se o intermediário, pois as cooperativas de transporte não especulam com os preços, nem cobram ágio; com as terceiras, suprime-se o revendedor por atacado e a varejo quer dizer outros intermediários. Com tal sistema, os produtores proletários entregariam seus produtos diretamente aos consumidores.

115 — **Crítica desse sistema** — Embora teoricamente tentadora a solução, tem a prática revelado sua extrema precariedade. Observa-se, com efeito: 1º — insuperável dificuldade na obtenção do capital inicial operário, puramen-

te proletário; 2º — guerra de morte oposta, desde o início, às cooperativas de produção pelos capitalistas onipotentes com a baixa súbita nos preços, obstáculos bancários, corrupção de funcionários cooperativistas, etc.; 3º — manutenção do dinheiro, portanto possibilidade de acumular e, destarte, nova fonte de capitalistas particulares, os quais facilmente se desagregam da cooperativa quando a isso os levam seus interesses; 4º — possibilidade e frequência de desfalques desmoralizadores e arruinadores de tais empresas.

116 — **A solução marxista** — Karl Marx, judeu alemão, foi o teórico do socialismo de Estado, chefe e inspirador da social-democracia alemã. Para ele, o fim da questão social é a extinção da luta histórica das duas classes inimigas; **burguesia** e **proletariado**, possuidores e não-possuidores. A cessação da luta ocorrerá quando a classe proletária tomar revolucionariamente o poder à classe burguesa. Instaurar-se-á uma **ditadura do proletariado** para esmagar definitivamente os burgueses, arrancar-lhes as terras, os bens, os cargos, as uzinas, os instrumentos de trabalho, os bancos, etc. Toda a propriedade particular passará então a propriedade do Estado. O Estado, único patrão, irá regendo e aperfeiçoando os serviços coletivos, organizando a produção e o consumo de tal modo, que os trabalhadores vão tendo, pouco a pouco, melhor salário, condições de vida mais suaves. Ao contrário, a classe burguesa irá gradativamente decrescendo em privilégios e in-

corporar-se-á um dia à massa comum dos cidadãos. Assim, chegar-se-á, por êsse duplo movimento, a uma fusão completa das duas classes.

Para tomar o poder, aconselha Marx a revolução dos trabalhadores fortemente concentrados numa organização de classe, dirigida por um partido político. Êsse partido enviará ao parlamento uma maioria absorvente de representantes. Feita a revolução «o proletariado, diz Karl Marx, se servirá da sua supremacia política para arrancar, pouco a pouco, todo o capital à burguesia, para centralizar todos os instrumentos de produção em mãos do Estado, isto é, do proletariado organizado em classe diretora e para aumentar rapidamente a quantidade de forças produtivas». Dono do poder, o partido comunista executará medidas revolucionárias tendentes a: expropriar a propriedade burguesa territorial aplicando a **renda aos gastos do Estado**; por um imposto fortemente progressivo, levar a burguesia a desfazer-se das suas propriedades; extinguir a herança; centralizar o crédito nas mãos do Estado por meio de um Banco privilegiado; dar o monopólio dos transportes ao Estado; formar exércitos industriais, mormente agrícolas, com trabalho obrigatório para todos; fazer desaparecer a distinção entre cidade e campos, etc.

117 — **Crítica dessa solução** — Não vamos aqui examinar a parte propriamente teórica, a doutrina marxista do **materialismo histórico**, da **luta de classes**, do ágio, etc. Veremos somente o plano revolucionário. Êsse plano é

incongruente e absurdo. Em resumo: 1º — Marx prega o assalto ao poder para tornar o proletariado classe diretora, ditatorial, do Estado. Quem diz Estado diz **aparelho de compressão**; mas compressão só se entende de uma **minoría** sobre uma grande maioria.

Quando a maioria domina, a pequena minoria ou conforma-se ou retira-se. Ora, a sociedade capitalista acha-se organizada em pirâmide cuja base volumosíssima é a massa trabalhadora e cuja minoria reduzidíssima, lá no vértice, são os altos financistas. Entre as duas classes estão os burgueses proprietários e os pequenos burgueses, uns proprietários, outros funcionários.

Fazer a revolução proletária é alijar do poder a classe dos altos financistas e industriais, tomá-lhe todas as armas — exército, marinha, aviação, polícia, etc.; expropriar as terras, como aconselha Marx, é arrancar aos burgueses e pequenos burgueses todo o seu instrumento de exploração. Sendo assim, como estabelecer uma **ditadura** do proletariado? Sobre quem se exerceria essa ditadura, se a alta e a baixa burguesia nenhuma arma possuem, nem terras, nem meios de obter armas, nem situação política, nem a força do número, pois são minoria, nem os recursos de luta sindical? Seria inverter a pirâmide e admitir o vértice desarmado. Ditadura, pois, de uma grande maioria armada sobre uma pequena minoria inerme é teoricamente absurda e praticamente ridícula.

Continua

O "Hyde Park" Paulista e a liberdade de reunião

(correspondência de S. Paulo)

A exemplo do Hyde Park na Inglaterra, formou-se em São Paulo, na praça do Patriarca, tomando por palanque os parapetos da galeria Prestes Maia, uma tribuna popular, cuja espontaneidade bem veio refletir certo senso de liberdade, que os seculares anos de opressão ditatorial não conseguiram todavia esmagar.

A princípio, grupos de populares lá se reuniam todas as noites, entre as 20 e 24 horas, para simplesmente discutir os angustiosos problemas humanos e o modo de resolvê-los através dos programas das várias correntes políticas, ou pela ação direta do próprio povo, sem que com isso houvesse compromisso maior que o de defender cada qual as próprias idéias respeitando as dos seus contrários. Tomando essas discussões caráter cada vez mais amplo, sorriu, entre os seus componentes, a idéia feliz de torná-las mais públicas, fazendo com que, através de seus porta-vozes, cada tendência fosse posta ao exame e crítica dos representantes das outras tendências. Desse modo, as simples discussões transformaram-se em verdadeiros «meetings», contando até com sua tribuna.

Democratas e trabalhistas, getulistas e prestistas, trotskistas e socialistas, anarquistas e outros, todos desfilaram pelo palanque fazendo com que suas idéias fossem sendo examinadas por todos, até que, certa noite, cálida noite de outubro, a polícia, dirigindo-se com sua inimitável delicadeza aos que ali se encontravam, resolveu dissolver o já denominado «Hyde Park» paulista. Primeiro, regulamentaram o horário, e o povo obedeceu. Depois, transferiram o local afim de não atrapalhar o trânsito, e o povo atendeu com todas as reverências possíveis. Em seguida, tornava-se necessária uma autorização para cada «meeting», e lá foi o povo saber da polícia da Ordem Política e Social como tão premente necessidade poderia ser satisfeita. Os requisitos foram devidamente preenchidos com a elaboração perfeita de um requerimento que a polícia indeferiu por não possuir, ela, pessoal em número suficiente, capaz de manter a ordem, isso, embora o número de policiais, em várias reuniões em que compareceram para «manter a ordem», de porrete em punho, tenha superado o número dos que ali se encontravam.

E' de lamentar que assim succeda, pois que baldados estão sendo os ingentes esforços dos nossos superlativamente honestos representantes do povo que, no art. 141 § 11 da Constituição de 18 de setembro, não se esqueceram de nos brindar com estas palavras: «Todos podem reunir-se sem armas, não intervindo a polícia senão para assegurar ou restabelecer a ordem pública. Com esse intuito, poderá a polícia designar lugar para a reunião, contanto que, assim procedendo, não a frustre ou impossibilite».

Mas a história não parou aí. O nosso povo, que sempre foi ordeiro e pacífico, resolveu passar por cima das exigências policiais com seus beaguins super-ordeiros. Não apelou para a lei, porque as leis, quando parecem favorecer o povo, este já o sabe, é somente para constar no papel; retomou por própria iniciativa (ação direta) a tribuna e os «meetings» continuaram cada vez mais ardorosos, embora os populistas (integralistas) muitas vezes para lá se diri-

jam procurando impedir o bom andamento das coisas, colocando na tribuna pobres diabos, previamente por eles embriagados, ou exercendo ação policial o que nem sempre conseguem.

O que, porém, mais temos que lamentar é a atuação dos prestistas, cujo fanatismo partidário não tem limites e cuja intolerância para com seus contrários já denota paridade com os períodos negros de intolerância religiosa e política da História Humana. Por vezes temos a impressão de que já vão para lá com planos de atuação preestabelecidos. No dia 15 de novembro, data em que comemoram no Brasil a proclamação da República, vários oradores se erguíam e iam expendendo suas idéias e doutrinas. A princípio eram os prestistas os monopolizadores da tribuna e uma claqué bem organizada a aplaudir cada palavra do orador, até as infâmias e mentiras. Um orador trabalhista, operário no qual reconhecemos ampla sinceridade e cuja eloquência lhe tem valido muitas simpatias pessoais, subiu afim de defender seu partido de ataques que os «comunistas» lhe haviam dirigido. Mas, apenas começou sua oração, a claqué prorrompeu em ruidosa vaia, fazendo com que o orador desistisse do seu propósito. Outros oradores falaram, mas a claqué só deixava falar e aplaudia os oradores prestistas, apupando todos os que o não fossem.

Várias foram as infâmias cometidas nessa noite, mesmo para com os camaradas anarquistas. Isso valeu aos prestistas o protesto de muitos populares, a ponto de alguns indivíduos que se dizem «comunistas» sinceros sentirem vergonha de seus camaradas. A certa altura desse mesmo dia, tivemos até cenas cômicas. Certos oradores subiam e começavam a falar sem previamente dizerem-se «comunistas», e a claqué prorrompia em vaia. A os gritos, eles diziam pertencer ao partido, e a claqué aplaudia.

Era cômico, dolorosamente cômico. Eles esqueceram até do pão; querem apenas circo...

Depois desses acontecimentos, contamos com prestigiosa colaboração da sempre ordeira polícia que, por várias vezes, nos tem visitado com sua inesquecível delicadeza a agredir indistintamente até as pessoas que, às vezes, param diante dos «meetings» apenas por curiosidade.

Gabriel Lucca

Sou anarquista porque

quero ter para mim e para todos, LIBERDADE POLITICA! LIBERDADE RELIGIOSA! LIBERDADE ECONÔMICA! que são as pilastras da Felicidade Humana.

Porém, Liberdade Política não é sermos obrigados a escolher um partido e um governo. Liberdade Religiosa não é sermos obrigados a escolher um deus e uma religião. Liberdade Econômica não é sermos obrigados a escolher um patrão e um emprego.

Não!

Liberdade Política é termos um meio social por igual! Liberdade Religiosa é termos uma moral de bem para a coletividade! Liberdade Econômica é termos o necessário para a nossa subsistência!

Reagir pois contra a opressão POLITICA RELIGIOSA E ECONÔMICA é dever de todo homem que luta por sua FELICIDADE e LIBERDADE!

PELORIANO MAIA

Rio, 15-XI-1946.

TOTALITÁRIOS "Ação Direta" em terra portuguesa

Lemos no Boletim de Greves da Federação de Obreiros em Construções Navais, Buenos Aires, outubro de 1946:

«Os Peronistas se dedicaram à inábil tarefa de cobrir toda a propaganda em que a federação expunha os fundamentos da greve geral».

As Juventudes Libertárias do Rio de Janeiro, num esforço por propagar o ideal anarquista e, ao mesmo tempo, o semanário Ação Direta, aproveitando a minúscula LIBERDADE que na atualidade, «por motivos alheios à vontade dos reacionários», desfrutamos, resolveram realizar uma intensa propaganda mural, utilizando, para isso, os números atrasados de Ação Direta, nos quais, em forma original, se estampam várias senhas, exemplo:

«O Anarquismo é a solução dos problemas sociais». — «Trabalhadores! Os políticos, o clero e o Estado são vossos inimigos».

«Os Sindicatos devem ser anti-autoritários e apertados». — «A propriedade é um roubo». — «O Burocrata Sindical é o maior inimigo da classe trabalhadora». etc. etc.

Porém, aqui, como em Buenos Aires, os inimigos da Liberdade não podiam deixar impune nossa propaganda. Assim é que, depois de tentarem rasgar nossos cartazes, numa demonstração de impotência intelectual, os rapazes do Jornal da Juventude (de orientação bolchevista) resolveram tapar-nos a propaganda, como prova de seu ódio à liberdade e numa confissão de fé totalitária.

Porém, aqui não temos peronistas, dizem nossos camaradas. Sim, porém temos prestistas que, para o caso, dá no mesmo. Satisficamos este fato para que os que lutam pela liberdade saibam quem são seus verdadeiros inimigos.

E aos senhores filhotes de ditadores agradecemos essa demonstração de irmandade fascista, própria de peronistas e prestistas. Rio, dezembro de 1946.

Juventude Libertária do Rio de Janeiro.



O nosso jornal está sendo remetido a numerosos camaradas e amigos de Portugal, que, esperamos, saberão compreender a nossa intenção e o sacrifício material que a remessa nos custa. Procedemos assim no sentido de facilitar a esses camaradas os elementos indispensáveis para se inteirarem do que no campo libertário se está passando para cá do Atlântico e mesmo nos países da Europa, na própria Espanha, já que Portugal continua sob o terrível jugo duma ditadura que o mantém na ignorância do que de mais transcendente ocorre no mundo.

O «Grupo Novos Horizontes», de Lisboa, recebeu de nós o encargo de angariar todas as contribuições com que entendam por bem ajudar-nos na tarefa que nos propomos levar por diante.

Ação direta dos trabalhadores na Inglaterra e os comunistas

O companheiro Ken Hawkes, diretor de Direct Action, de Londres, e secretário da Federação Anarquista Inglesa, escreveu para o periódico Ruta, de Toulouse (França) o seguinte relato bem sintomático dos processos comunistas.

A ação direta dos trabalhadores não é acontecimento frequente na Inglaterra. Existem as disputas esporádicas nas indústrias e, em algumas delas, principalmente entre os engenheiros, os operários lutam contra seus patrões numa ação de guerrilhas.

Neste momento, em Londres, nos hotéis mais caros, onde não são racionados os alimentos, deuse uma greve do pessoal com participação de várias categorias de empregados. Mas, em geral, essas ações não exorbitam o quadro legalista e o Povo espera, cada dia com menos convicção, que o governo laborista se decida a fazer alguma coisa.

O rojão do movimento dos squatters era, até pouco, de grande interesse. Contrariamente às informações da imprensa, esse movimento era, no íntimo, ação espontânea do povo sem vivendas e desesperado de obtê-las pelos meios legais do governo.

Dos primeiros dias de agosto, até os primeiros de setembro, o movimento cresceu rapidamente e com êxito. As propriedades desabitadas, sobretudo os acampamentos desalojados do exército, foram ocupados pelos trabalhadores. O movimento adquiria tal envergadura que parecia irresistível. Os habitantes das ruínas e dos tugúrios de Inglaterra conseguiram habitação em melhores condições, graças a sua própria ação.

Deu-se, porém, a sabotagem. Quando o movimento já conseguia êxitos seguros e aumentava em proporções prometedoras, começou a máquina do partido comunista a funcionar destruindo o já conseguido pela ação direta e solidária dos interessados. A tática comunista foi, como sempre, a de destruir o movimento por dentro. E conseguiram-no. Eis como.

O P. C. começou por uma propaganda clamorosa a favor dos squatters. Depois, agentes do Partido, manhosamente, lançaram os squatters de Londres ao assalto das mansões de maior luxo para que fossem, mais tarde, desalojados. Na realidade, nada intentavam fazer de concreto pelo movimento. Como de costume, sua agitação era um lance vazio, só de propaganda escandalosa e fraudulenta. Seu destempero motivou a intervenção do governo que se mantivera quieto enquanto os squatters ocupavam imóveis desabitados e sem luxo. Os únicos que conseguiram estabilizar-se em vivendas habitáveis foram

os que, desde o primeiro momento, por sua iniciativa própria e inspirados em sentimentos de justiça, se empenharam numa ação própria e digna. Os que seguiram os comunistas volveram, em muitos casos, a maior miséria da que dantes padeciam.

Os comunistas desacreditam-se rapidamente, mas, em seu descrédito, arrastam os movimentos de revolta que alardeiam querer secundar. Os comícios e manifestações organizadas recentemente pelos comunistas contra Franco não fazem mais que prejudicar a causa de Espanha. Se amanhã Stalin prosseguir seu pacto com Perón de um tratado comercial com Franco, a posição dos nossos comunistas mudará. Isso, entretanto, não sucederá enquanto continuar o comércio entre Inglaterra e Espanha e a luta aberta entre o papa rubro e o negro. Até lá, irá perdurando a campanha antifranquista do comunismo no mundo.

Vishinsky vai à Missa

Traduzimos de Cultura Proletaria (2-11-946).

Na catedral de Saint Patrick celebrou-se uma missa oficial em honra dos delegados à Assembléia Geral das Nações Unidas.

Presentes, entre muitos outros delegados, estavam os delegados russos, únicos exclusivamente fotografados. As fotografias foram publicadas em toda a imprensa de Nova-York.

Parece isso uma inconsistência, tanto mais quanto, nessas fotografias, vemos a saudarem-se reciprocamente, sorridentes e cordiais, as autoridades eclesiásticas de alta roda e os déspotas rubro-nazistas de Moscou.

Apesar disso, os fanáticos de parte a parte não de achar uma explicação adequada. Dirão os dogmáticos da Igreja que isso patenteia que até os ateus temem o poder da Igreja. Evidentemente têm razão.

Porém, os outros fanáticos? os nazistas vesmelhos? que desculpas darão?

Há de ser-lhes difícil dar alguma que convença os não cegos pelo fanatismo vermelho.

OS NOSSOS TEMAS

Festas da noite são festas burguesas. O homem que trabalha deve recrear-se, mas só pode fazê-lo nos dias de repouso ou em poucas horas no fim do dia. Os clubes e sociedades recreativas mais ou menos elegantes, onde impera o preconceito e o orgulho dos endinheirados, fazem suas festas até altas horas da madrugada, porque não começam o trabalho com o levantar do sol. E também porque não querem a companhia dos trabalhadores. Estes devem organizar os seus próprios divertimentos.

Não há coisa mais torta do que a política. Os políticos, na sua função de suportar o Estado e amparar-se no Estado, sofrem verdadeiras torturas para andar à feição dos acontecimentos. Aí está o super-fascista e néo-jeuita Salazar mexendo no tabú de Moscou para reconhecer-lhe a força militar e política. Parece que acabou, para os salazaristas, a proibição de fazer referências à ditadura de Stálin. Depois de tantas curvas e vira-voltas, a sditaduras encontram-se. Mas nunca se encontram com o anarquismo, única linha direita que despreza fingimentos e nunca mentiu a ninguém.

Se tentarmos remontar as origens da propriedade, verificaremos que esta não tem propriamente origem, porque os primeiros donos o foram por artifício, esperteza ou apropriação ilícita. Se quisermos saber de onde vem a autoridade, chegaremos à absurda imposição de poderes divinos que só a ingenuidade ou ignorância de outros tempos tor-

nou possível. Nem propriedade nem autoridade são naturais. O homem que «tem» e o homem que «manda» são usurpadores. O indivíduo livre repele-os.

Liberdade, Igualdade e Fraternidade são coisas que não podem ter existência real enquanto houver autoridade, dinheiro e armas, os três sustentáculos do regime capitalista. Nem precisamos daquela trilogia: basta-nos a Liberdade para realizar a sociedade ideal.

A guerra estimula os inventos e acelera o progresso da química e da mecânica. No tempo de paz que sucede aos conflitos, aproveitam-se as invenções para o conforto do homem. Se é uma experiência, renegamos essa experiência à custa do sacrifício de milhões de vidas. É como se nos quebrassem uma perna só para nos dar o prazer de usar uma perna artificial de maravilhosa perfeição. Preferimos a nossa perna.

O homem que prende um pássaro na gaiola é como o que encerra outro homem numa prisão. Mas o pássaro tem às vezes melhor comida e limpeza na gaiola e uns afagos que o carcereiro não concede ao preso. No entanto, a liberdade deste seria também a liberdade do carcereiro.

Há jornais que mentem quando se dizem órgãos da opinião pública. A verdade é que só dão abrigo à opinião pública quando

esta é a mesma dos seus proprietários ou diretores.

As conferências da paz não desprezam o sistema que gerou a guerra. Falam nesses mesmos homens e resguarda-se a mesma dominação econômica dos povos. Para disfarçar, aparecem curiosas fórmulas políticas e financeiras na questão social-capitalista, prometendo aos trabalhadores uma enganosa participação nos lucros. O trabalhador não deve participar nos lucros, porque os combate. O que é necessário é abolir para e simplesmente os lucros.

Para o trabalhador, todos os partidos políticos são iguais; o anarquismo é diferente.

P. FERREIRA DA SILVA

PROPAGUEM

Ação Direta

Um apelo da C. G. T. portuguesa

C. G. T., órgão regional da C. G. T. portuguesa em seu número de setembro publica o seguinte:

Há fome em todo o país por mingua de alimentos, mas também há fome de liberdade e de justiça.

Há um governo cínico e inepto que nos condena à fome, mas é também monstruoso porque mantém um *campo de morte lenta* no Tarrafal e tem encarcerados pelas várias prisões presos políticos e sociais.

Um Povo que suporta a fome, o terror policial, os tribunais especiais, a perda da liberdade por delito de oposição política, suporta a maior das afrontas. Não é um povo, é uma *gleba* de escravos.

O fascismo domina na península ibérica. Franco e Salazar são um insulto ao mundo que parece ser indiferente à **democracia** dos parlamentos e da O. N. U.

De pé, ó vítimas da fome!

Trabalhadores e homens livres!

Acima dos nossos credos há a conquista da liberdade que nos desafrote.

A C. G. T., organização dos trabalhadores manuais e intelectuais, lança o **brado** de Resistência.

Exijamos a extinção do campo de concentração do Tarrafal!

Exijamos a anistia sem sofismas e sem limites para todos os presos políticos e sociais que sofrem nos cárceres e nas penitenciárias de Lisboa e Coimbra, assim como os que andam perseguidos.

Exijamos a liberdade de imprensa, associação e reunião!

Exijamos o direito ao pão de que fomos esbulhados.

Exijamos e conquistemos pela luta redentora.

A regional da C. G. T.

Conferência em São Paulo

No **Centro de Cultura Social**, rua José Bonifácio 387, vai realizar-se a conferência do professor F. Fritteli sobre **O princípio real genésico**, no dia 14, sábado, às 20 horas.

Os companheiros de S. Paulo avisarão por meio de **Ação Direta** as datas e locais das futuras conferências.

NOTÍCIAS ANÁRQUICAS

Itália — 1. Nos dias 29 e 30 de setembro, reuniu-se, em Bolonha, o Conselho Nacional da F. A. I. (Federação Anarquista Italiana). Decidiu-se que **Umanità Nova**, dadas as dificuldades em Roma, será editada em Bolonha, como órgão do Movimento Anárquico, com quatro páginas e direção de Gigi Damiani. Verificou-se a impossibilidade momentânea de um quotidiano, dada a pobreza geral.

Reiniciar-se á **Germinal** de Pisa, com caráter puramente anárquico.

Em toda a península continua intenso o movimento.

2. A F. A. L. (Federação Anarquista Lacial) explica porque não se apresentou oficialmente ao comício contra Franco organizado, pela

Frente da Juventude, com o comparecimento de uma comissão da juventude espanhola, vinda de França.

Não compareceu porque tendo aderido e indicado seus oradores, recebeu da comissão organizadora a declaração impositiva de que o orador deveria ser um ex-combatente na Espanha, que não se deveria atacar o governo italiano pelo fato de manter relações diplomáticas com Franco, nem o Vaticano.

Claro é que não poderia a Federação admitir tais imposições. Ainda assim, a Federação mandou distribuir o manifesto da A. I. T.

3. O grupo anárquico de Perugia com o concurso da Federação Anárquica de Terni comemorou, no teatro Morlacchi, o dia 13 de outubro, aniversário da morte de Francisco Ferrer. A importância dessa festa esteve em que foi reposta a lápide consagrada, numa praça, ao mártir espanhol em 1910 e que o fascismo havia retirado e escondido.

Teatro repleto e êxito pleno

4. A propaganda anárquica prossegue em toda a Itália intensíssima. O sul da Itália e a Sicília, dantes alheia quase de todo às nossas idéias, estão sendo agora trabalhadas vivamente.

Espanha 1. Telegrama de Paris informa que notícias vindas de Lisboa aludem à intensa propaganda anti-franquista nas fronteiras luso-espanholas. Franco teve de criar um serviço especial de vigilância.

2. A polícia de Saragoça descobriu uma organização secreta antifranquista. Vários presos. É a terceira organização desse quilate desfeita nessa cidade.

3. Em La Coruna, Galiza, houve rebelião a mão armada, sinal evidente de atividade antifranquista. Preso Jesus Lavandeira e nove outros. Mais outro Jesus condenado à morte.

4. No edifício do Governo Militar de Barcelona explodiu ultimamente uma bomba, com sérios danos materiais e uma vítima.

5. Intensa a campanha franquista contra a imprensa clandestina. Já foram apreendidos nada menos de 75 periódicos, sinal bem claro de quão ativos são os grupos subversivos lá dentro.

Grécia. Na Grécia, dominada por um governo fascista, encarapitado pela Inglaterra mediante uma farsa eleitoral das mais ignóbeis, a perseguição aos antifascistas é severa. São presos, encarcerados e mortos precisamente os que mais se sacrificaram contra os invasores alemães. No dia 25 de julho, foram executados sete companheiros anarquistas.

Greve na America do Norte triste exemplo de força operária diluída pela ação de um líder

Nunca se viu tão desastrosa amostra do valor negativo da ação indireta, como no caso da greve gigantesca dos mineiros nos Estados Unidos.

Lewis, o líder dos mineiros, declara ao juiz que representa oito milhões de trabalhadores; mas, vê-se que o pobre homem não sabe que fazer da colossal força que representa.

Vejam como ele se dirige ao juiz que o ameaça:

«Devo dizer, respeitosamente, que vossó mandato proibitivo vem privar os mineiros de vários direitos constitucionais: a liberdade de palavra, a liberdade de imprensa, a liberdade de reunião e a libertação da servidão involuntária. Tanto eu como os mineiros nos estamos batendo por esses direitos constitucionais em nossa qualidade de cidadãos americanos. Os mineiros de carvão são cidadãos respeitadores da lei, tementes a Deus... e apenas procuram reafirmar os seus direitos de cidadãos».

Que tal! Estamos apostando que Lewis já foi pastor protestante. Assim respeitosos das leis na democracia, serão também respeitosos das mesmas leis (porque não?) em regimen fascista e, se temem a Deus de tal modo, hão de temer, naturalmente, seus representantes na terra, a saber, os sacerdotes de um lado e as autoridades do outro.

E assim respeitosos, assentando seus conflitos nas leis e nas autoridades, enfraquecem a gigantesca potência de uma classe de que depende a vida americana em pleno inverno.

Ora, o governo não tem forças contra os mineiros, pois não pode mandar o exército substituir esses trabalhadores.

Calcule-se que seria se a classe, consciente do caminho nefasto da legalidade a que levam os líderes, mandasse passear o Lewis e declarasse francamente;

— Senhores proprietários de minas! vamos voltar ao trabalho E, de volta às suas posições, fizessem outra declaração:

—Srs. proprietários, o Sindicato dos Mineiros de Carvão, declara que, deixando os mineiros de ser tementes a Deus e respeitadores de leis e autoridades, resolveram tomar conta das minas e dos instrumentos de trabalho, delas alijando todos os senhores donos, diretos ou indiretos, e assumindo a posse e exploração das mesmas. Por generosidade, o Sindicato mensalmente entregará aos proprietários um tanto por cento dos lucros líquidos afim de que morram mais depressa de ócio e farras!»

Quem iria desalojar esses oito milhões de trabalhadores sem cujo efetivo trabalho vacila toda a vida americana?

A ação direta não daria vitória certa e fácil? e não seria triunfo exemplar sobre quanto canastrão socialista e comunista se arvora em protetor do proletariado e seu líder categorizado?

Temos confiança num futuro breve! Acabarão compreendendo a facilidade e o valor do método preconizado pelos anarquistas e atirarão às urtigas os politiqueros de toda casta, contumazes traidores da humanidade que sua e sofre.